

NIETZSCHE:

PARA UMA ÉTICA DA AFIRMAÇÃO DA VIDA

ERICA COSTA SOUSA - Professora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

Resumo: *O presente trabalho intitulado Nietzsche: para uma ética da afirmação da vida – visa a ponderar sobre uma “nova ética” em Nietzsche, com recortes tanto em seus escritos de juventude quanto nos textos de sua maturidade filosófica. Ao propor esse tema, levaremos em conta, num primeiro momento, a noção de corpo como fio condutor e pano de fundo da análise, pensando-o, não mais dualisticamente em relação à alma, mas como uma multiplicidade de forças que estão em um eterno vir-a-ser, concorrendo para a formação e transformação do viver, seguido desse pensamento pontual na filosofia nietzschiana abordaremos a questão consoante à inversão do platonismo, para finalmente de apontarmos, a partir da ideia de criação e do dizer-sim à vida, para uma possível “nova ética” ou como empregamos no título, uma proposta de ética da afirmação da vida. a proposta de uma ética da afirmação nada mais é do que uma proposta de pensar por outro viés de como seria a construção de uma ética voltada para o “eu” e não apenas para a coletividade, é uma tentativa de balançar as estruturas de um edifício moral construído sobre bases imaginárias e uma tentativa de construção não de um novo edifício, mas de um campo de forças com harmonia entre razão e afetos para a realização de um agir ético e realizado na vida e não em “outro mundo”. É pensar em um homem como partícipe criador e criatura do seu próprio espetáculo da vida, ele é ator ativo no processo de construção do viver, é interpretar a vida como uma obra de arte que passa por desgostos para chegar ao seu produto que é o belo, é o tornar-se o que se é, o além homem é a arte de se criar a si mesmo como obra de arte. Faz necessário embelezar a vida para sair da posição de criatura contemplativa e adquirir os hábitos e os atributos de criador, ser artista de sua própria existência.*

Palavras-chave: *Ética. Afirmação. Vida*

PARA UMA ÉTICA DA AFIRMAÇÃO DA VIDA

O que quer que tenha valor no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza – a natureza é sempre isenta de valor: – foi –lhe dado, oferecido um valor, e fomos nós esses doadores e ofertadores!¹

O homem como criador².

O problema sobre o homem como criador é cercado por várias questões tais como: como pensar em uma ética que seja contrária a que conhecemos por tantos anos, fundamentada em mais de dois mil anos de filosofia, que nasceu com ideias socrático-platônicas? Como inverter ideias que serviram como base de princípios morais da sociedade ocidental durante séculos? Será possível acreditar e fazer com que essa sociedade moldada com valores tão alicerçados em uma moral transcendente transforme-os em valores imanentes?

São essas as questões que nortearão primeiramente proposta de uma “nova” ética, a qual não é nova porque tenta inserir novos valores, mas sim, por reformular pensar o homem, como partícipe da criação dos novos valores; e não somente como ator do espetáculo que se chama vida, nomeado por Nietzsche de *homem de ação*, mas que se vê também como criador dessa arte que é o viver, ou, melhor dizendo, o conviver socialmente. Em *Gaia Ciência* no aforismo 301, lê-se:

(...) ele acredita ser um espectador e ouvinte colocado ante o grande espetáculo visual e sonoro que é a vida: ele denomina a sua natureza de contemplativa e não vê que ele próprio é também o verdadeiro e incessante autor da vida – que ele certamente se distingue bastante do ator desse drama, o chamado homem de ação, mas ainda mais de um simples convidado e observador sentado diante do palco. (NIETZSCHE, 2001, pp. 203-204).

Pensar em uma ideia de inversão dos valores nos quais a sociedade está inserida é a primeira tentativa de elucidar o problema da construção de uma “nova” ética, porém essa não seria a construção de uma outra tábua de valores morais com princípios e regras a serem seguidos por todos, mas uma ética que valoriza a singularidade, o indivíduo enquanto conjunto de forças produtivas capazes de criar orientações para si mesmo.

¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*, § 301, 2001, pp. 203-204.

² “A palavra criação, despida de sua significação teológico-cristã, pertence à atividade humana. Porém é preciso que se diga, para evitar futuros mal-entendidos, que não se pode substituir a ideia de um Deus criador pela ideia, também absurda, de homens-deuses criadores que, por um ato de vontade, de uma vez por todas, criaram o mundo. Assim como não existe mundo acabado, fechado sobre si mesmo, não existem seres anteriores ao mundo. Se existissem homens-deuses criadores, com certeza a palavra criação seria obsoleta.” (DIAS, Rosa. *Nietzsche, a vida como obra de arte*, 2011, p.63).

Mas a questão é: como fazer esse exercício de criar valores que ao mesmo tempo não serão seguidos por todos, mas que favorecerá um indivíduo sem prejudicar os demais? Porém, não no sentido tributário do imperativo categórico kantiano,³ onde o que um indivíduo faz de bom necessariamente tem de se tornar um “exemplo” a ser seguido, qual uma lei, por todos.

Pensar em uma ética da imanência equivale a empreender uma desconstrução dos valores que moldaram o homem desde praticamente a consolidação da própria filosofia, haja vista que tais apreciações valorativas nasceram e cresceram a partir da introdução do pensamento racional de Sócrates e Platão, sob a égide do qual a primazia de uma moral voltada para o plano do inteligível era bastante valorizada; como é dito na *Genealogia da Moral*, esses valores foram moldando – ou, por que não dizer, aprisionando - o homem a uma moral dominadora:

Cada pequenino passo que se deu na terra foi conquistado ao preço de suplícios espirituais e corporais: toda essa perspectiva, “de que não apenas o avançar, não, o simples andar, o movimento, a mudança, necessitaram de seus inumeráveis mártires”, soa hoje tão estranho para nós – eu a expus em Aurora, “Nada foi comprado tão caro”, diz-se ali (§18), como o pouco de razão humana e sentimento de liberdade que agora constitui nosso orgulho. É este orgulho, porém, que nos torna hoje quase impossível sentir como os imensos períodos de “moralidade do costume”, que precederam a “história universal” como a verdadeira e decisiva história que determinou o caráter da humanidade (...). (NIETZSCHE, 1998, p.103).

Esse caráter moralizante que o ascetismo cristão outorgou aos suplícios espirituais e corporais foi o que, segundo Nietzsche, tornou o homem moderno decadente desde a raiz; doravante, ele julgava necessário se martirizar e negar a felicidade do corpo para alcançar algo maior, a salvação, que só seria de fato conquistada se ele moralizasse seus costumes de acordo com os princípios dos sacerdotes, idealizadores da moral dominante.

Pensar no indivíduo como um ser criador⁴ de si e estimador de tudo que o cerca significa, para

³ “Não se deve mentir”, este seria aplicável a toda ação concreta da forma “a diz que Y nas circunstâncias W” onde Y fosse verdadeira, com total independência de quem for “a”, de qual for o conteúdo concreto de Y, e de quais sejam as circunstâncias W de proferimento. Assim como o designador rígido capta o objeto com independência de como ele for descrito, o “prescritor rígido” kantiano captaria o seu objeto (uma ação numa certa circunstância) com independência de como ele for descrito. Em ambos os casos, há como uma propositada inadequação entre a expressão e seu objeto, em virtude da rigidez. (...)

Precisamente, a rigidez do imperativo baseia-se no seu caráter categórico (imperativos hipotéticos não são semanticamente rígidos), e este caráter categórico vincula-se à distinção (contrafactual) sensível/inteligível. O imperativo é rígido porque está formulado em termos formal-inteligíveis, e não em termos sensível- consequenciais, sendo ele indiferente às contingências do mundo e não se guiando por elas. Os imperativos estão como “amarrados” ao ideal inteligível, que não muda segundo as circunstâncias empíricas.” (CABRERA, Julio. Para uma defesa nietzschiana da ética de Kant. 1999, p.41).

⁴ “O criador sabe esquecer, não leva muito a sério seus contratempos e mafeitos; mas a reflexão de Nietzsche não para por aí. O criador não sabe apenas esquecer: sabe também recordar a tempo. É necessário ter duas visões das coisas: a histórica e a não histórica. Todo ato, para ser criado, exige o esquecimento: é impossível criar-viver sem esquecer. Do mesmo modo, todo ato criador exige a recordação: é impossível criar-viver sem lembrar. O criador não renega a tradição; pelo contrário, retoma-a para redimensioná-la. A faculdade ativa do esquecimento é capaz de assimilar o passado, transformá-lo e transfigurá-lo.” (DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como*

o filósofo alemão, ter diante dos olhos o arquétipo do além-homem anunciado em suas obras tardias; tem-se em mira um tipo cultural de homem distinto daquele eivado de ressentimento, o qual se sente culpado pela maioria dos seus atos; esse indivíduo de ação é livre de qualquer lembrança ruim que possa lhe aprisionar, sendo que suas recordações lhe servem apenas para viver o presente, em eterno vir-a-ser. A memória para esse homem ativo serve apenas para ilustrar situações e não como no homem do ressentimento para guardar mágoas, de modo que o ato de lembrar é, nesse caso, um elemento de caráter vivificador e ao mesmo tempo contemplativo.

Efetivamente por isso o homem (...) mais nobre, corajoso, em todas as épocas possuiu o olho mais livre, a consciência melhor: inversamente, já se sabe quem carrega na consciência a invenção da “má-consciência” – o homem do ressentimento. (NIETZSCHE, 1998, p. 63).

Faz-se necessário, a esse homem criador, algo que o impulsiona para isso, a saber: a vontade criadora, a qual se constitui em uma relação essencial e única com a temporalidade, onde só o querer pode libertar para um caráter afirmativo da vida, reconhecendo que não há nada fixo e que tudo está em constante transformação. Afirmar o vir-a-ser é a principal condição para que exista a criação, mas sem perder de vista que a vida mesma está, em sua simultaneidade, em perene processo de destruição e reconstrução. No fundo, Nietzsche concebe a vontade criadora como uma espécie de força artística; é uma nova maneira de se pensar o vir-a-ser à base do fluxo polimorfo da natureza, enfatizando que tudo que se põe no mundo está sempre ainda por fazer, sempre em construção:

O anseio por destruição, mudança, devir, pode ser expressão da energia abundante, prenhe de futuro (o termo que uso para isso é, como se sabe, “dionisíaco”), ávida de futuro; mas também pode ser o ódio do malgrado, do desprovido, mal favorecido, que destrói, tem de destruir, porque o existente, mesmo toda a existência, todo o ser, o revolta e o irrita (...). (NIETZSCHE, 2001, pp.272-274).

O ato de criar, para Nietzsche, pressupõe despreendimento; dádioso, o criador é um doador; não procura nada, simplesmente dá; atua porque quer, e não porque lhe falta alguma coisa. Esse é o “princípio” contrário ao de compaixão apregoado pela moral platônico-cristã, onde o indivíduo só comete uma ação, porque se vê como um autômata do dever, ou, então, porque está sobre o olhar de um ser superior, e não porque lhe é apazível; age-se, em última análise, visando a um futuro melhor para além desta vida: a salvação.

obra de arte, 2011, p. 80).

Para Nietzsche, o vir-a-ser está à base da vida porque ele é presente,⁵ passado e futuro, afirmando a temporalidade, mas sem almejar um futuro desconhecido e irreal, instituindo valores com princípios mutáveis, cuidando para que não haja um desacordo com a individualidade haurida da multiplicidade do sujeito. Sem a pretensão de melhorar a humanidade, a vontade criadora se caracteriza, em Nietzsche, como pensamento que se opõe ao metafísico, uma espécie de elevação à transitoriedade da vida, a qual pretende libertar o homem do espírito de vingança e ressentimento que o assombra durante séculos; para tanto, é necessário que haja uma afirmação do plano que designa a imanência, condição de possibilidade para a criação de novos valores.

A vida como obra de arte.

Pensar a arte⁶ como uma possível fuga para o sofrimento de uma vida sem sentido e sem a presença de Deus – que, em última análise, seria a proposta da nova ética nietzschiana – é algo que se torna patente em alguns outros aforismos de *Gaia Ciência*. Essa arte pode ser interpretada de duas formas: a primeira, como a arte de ver a si mesmo, mesmo que a distância, como numa espécie de olhar “fora de si”; e a segunda maneira é a arte de “tornar-se o que se é”.

Nesse momento, ainda que em outra chave, Nietzsche adota mais uma vez os espíritos apolíneo e dionisíaco para caracterizar esse estado artístico no homem; porém, dessa vez, eles não aparecem como oposição ao *Nascimento da Tragédia*, mas ambos surgem como forma diferente de embriaguez; doravante, Dioniso “absorveu” ou “tomou para si”, à sua maneira, o princípio ordenador e formativo de Apolo, visão essa que deveríamos aprender com os artistas para a construção de nossos valores e aprender a viver. Em *Gaia Ciência*, no aforismo 78, intitulado *Pelo que deveríamos ser gratos*, descreve como poderíamos assumir essa visão dos artistas de ver e ouvir o mundo com o prazer de alguém que experimenta e vive a arte da vida sob a ótica de um encantamento:

(...) os artistas especialmente os do teatro, dotaram os homens de olhos e ouvidos para ver e ouvir, com algum prazer, o que cada um é, o que cada um experimenta e o que quer; apenas eles nos ensinaram a estimar o herói escondido em todos os seres cotidianos e também a arte de olhar a si mesmo como herói, a distância e como que simplificado e transfigurado – a arte de se “pôr sem cena” para si mesmo. Somente assim podemos lidar com alguns vis detalhes em nós! Sem tal arte, seríamos tão só primeiro plano e viveríamos inteiramente sob o encanto da ótica que faz o mais próximo e mais vulgar parecer imensamente grande, a realidade mesma. (NIETZSCHE, 2001, p.106).

⁵ “O presente ligado ao sim criador implica a duração como passado e futuro. O presente é uma duração, mas uma duração que não cessa de destruir a si mesma, de inventar cotidianamente jogos cada vez mais delicados”. (DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*, 2011, p. 78).

⁶ É uma postura artística diante da vida que Nietzsche contrapõe à vontade de saber. Aqui, a palavra “arte” tem um sentido abrangente para ele. Vale como nome para toda forma de transfiguração e de potência criadora: “Até onde alcança a arte o âmago do mundo? E há, do ‘artista’, outros ímpetos artísticos? Essa questão foi, como se sabe meu ponto de partida: e eu disse Sim à segunda questão; e à primeira ‘o próprio mundo não é nada senão arte’”. (DIAS, Rosa. *Nietzsche, a vida como obra de arte*, 2011, p.57).

Devemos, pois, não só nos considerar como atores da cena em que estamos vivendo, senão que também com um olhar de autor, de criador, colocando-nos como criativos participantes do jogo teatral que é a vida – fazendo jus à *arte de se por sem cena para si mesmo*, que ele menciona no aforismo supracitado. Se não nos “educarmos” a olhar com distanciamento para as nossas próprias ações, jamais nos reconheceremos dentro da sociedade em que vivemos, seremos sempre atores de uma cena já pré-estabelecida, nunca heróis de nossos atos, provavelmente haverá outros bem feitores que moveram os cursos de nossa vida.

A arte de voltar o olhar para si mesmo é uma forma de superar o sofrimento humano quando se tenta desvencilhar de uma ideia de algo metafísico, de um além-mundo; trata-se de se ver como o próprio herói e responsável por suas ações, o que, segundo Nietzsche, seria relativamente novo na humanidade, a qual até então fora domesticada e induzida a criar subterfúgios para culpar de seus atos - sejam eles bons ou ruins.

E é a partir dessa concepção de um homem que volta seu olhar para si e para os seus próprios atos, sem buscar um mentor para eles, a não ser ele próprio, que ressurgem a embriaguez dionisíaca, a qual se caracterizará, desta feita, pela afirmação total da vida, sendo que essa ação Nietzsche nomeará de a arte de “Como alguém se torna o que é”⁷.

Neste ponto já não há como eludir a resposta à questão de como alguém se torna o que é. E com isso toco na obra máxima da arte da preservação de si mesmo – do amor de si... (...) Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é. Desse ponto de vista possuem sentido e valor próprios até os desacertos da vida, os momentâneos desvios e vias secundárias, os adiamentos, as “modéstias”, a seriedade desperdiçada em tarefas que ficam além d’a tarefa. (NIETZSCHE, 1995, p.49).

Para tornar-se senhor de si, conhecedor e responsável pelos seus atos, fazer do homem um ser em constante mudança, em um eterno vir-a-ser, Nietzsche então torna-se um porta-voz do fluxo polimorfo das forças naturais – ecoando a ideia de movimento heraclitiana, a qual já havia sido por ele anunciada em sua obra *A filosofia na era trágica dos gregos*⁸. Tornar-se o que se é, é estar em uma

⁷ A expressão “como alguém se torna o que é” aparece pela primeira vez em um texto de Nietzsche sobre Teógnis; em seguida, está presente, com algumas modificações, na 3ª *Extemporânea*, em *Schopenhauer como educador*; depois, em *Humano, demasiado humano*, no aforismo 263; em *A Gaia Ciência*, nos parágrafos 270 e 335, e em *Assim Falou Zaratustra*, nas seções “*O convalescente*”, “*Quem tu és e quem deves tornar-te*” (wer du bist und werden musst), em “*A sanguessuga*”, “*Eu sou quem devo ser*” (ich bin, der sein musst), em “*O sacrifício do mel*” (Werde, der du bist [torna-te quem és]) e, por fim, como vimos, descreve o vir a ser de Nietzsche, em *Ecce homo*. (...) Além desses exemplos, lembramos que ela se apresenta ainda sob variadas reformulações, em diferentes momentos da obra de Nietzsche. Por exemplo, não são poucas as vezes em que encontramos expressões como estas: “descobrir-se a si mesmo”, “buscar a si próprio”, “fazer-se a si mesmo” e, também, “conhecer-se a si mesmo” (...). (DIAS, Rosa, Nietzsche, a vida como obra de arte, 2011, p.96)

⁸ “A unidade absoluta no eterno vir a ser, a total instabilidade de tudo que é efetivo, que, como nos ensina Heráclito, continuamente age e vem a ser, e jamais é, constitui uma representação assombrosa e atordoante, cuja influência tem como mais próxima

constante metamorfose, consagrando-se a um contínuo construir valores e mundos por meio da própria subjetividade efêmera.

O homem então deve superar-se e, juntamente com ele, seus valores; esse indivíduo ator e criador de sua própria vida pode ser entendido, em linhas gerais, como o além-homem, haja vista que se colocaria para além de bem e mal, não se submetendo a nenhum valor pré-concebido, sem priorizar uma essência em detrimento do seu próprio corpo; compreendendo este último como uma pluralidade de forças, onde todas as paixões e sofrimentos são importantes, ele tem que superar a moral da decadência e construir seus próprios valores de acordo com a sua singularidade instintual.

Segundo Nietzsche, o homem se insere no mundo através do corpo, o qual deveria ser tomado como fio condutor de interpretação e organização do mundo; fonte do próprio pensamento, o corpo mesmo surge como concreção “pensante”, fazendo com que o pensar se transforme, no limite, numa relação entre impulsos entre si:

Tomar o corpo como ponto de partida e fazer dele o fio condutor, eis o essencial. O corpo é um fenômeno mais rico que autoriza observações mais claras. A crença no corpo é bem melhor estabelecida do que a crença no espírito. (NIETZSCHE, 1885,40 [15]).

São às nossas experiências vitais, determinadas pela relação com o corpo e o mundo, que, segundo Nietzsche, devemos nos voltar para construir os valores, preparando a tarefa do “tornar-se o que se é”; o mundo é o que nos proporciona a maior riqueza de vivência para a construção de novos valores, é o que nos faz artistas-criadores do nosso próprio espetáculo, o qual não deve manter-se em uma constante estática, mas num constante movimento, com hábitos breves e não cristalizados – do contrário, estaríamos apenas invertendo valores e criando uma moral às avessas:

Eu amo os hábitos breves e os considero o meio inestimável de vir a conhecer muitas coisas e estados, até ao fundo que têm de doce e de amargo; minha natureza é inteiramente predisposta para hábitos breves, mesmo quanto às necessidades de sua saúde física e de modo geral, até onde posso ver: do mais baixo ao mais elevado. Acredito sempre que tal coisa me satisfará permanentemente – também o hábito breve tem essa crença da paixão, a crença na eternidade –, e é de invejar que eu a tenha achado e espalha um profundo contentamento, ao seu redor e dentro de mim, de forma que eu nada mais desejo, sem que tenha de comparar, desprezar ou odiar (...). (NIETZSCHE, 2001, pp. 199-200).

de si a sensação de alguém que, durante um terremoto, perde a confiança nos fundamentos da terra em que pisa. Era necessária uma força impressionante para transformar esse feito em seu oposto, na sublime e alegre admiração”. (NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na era trágica dos gregos*.2011, p. 59).

Esse elogio aos hábitos breves, realizado pelo filósofo de *Gaia Ciência*, mostra, noutra registro, a sua simpatia pela filosofia pré-socrática,⁹ a qual teria como principal fundamento a natureza e o movimento das coisas no mundo, e não a questão que, com o advento posterior da razão socrático-platônica,¹⁰ passou a atormentar a maior parte da história da filosofia, a saber: a busca incessante pela verdade. A contrapelo de tal busca, a arte da vida designa, para o filósofo de *Gaia Ciência*, um dinamismo incessante, tornando-se imperioso, ao filósofo, desprender-se dos valores influenciaram durante séculos a construção de sua filosofia, como, por exemplo, a distinção entre corpo e alma; interligados, estes últimos dão ensejo a uma inovadora *arte da transfiguração*:

Precisamente essa arte da transfiguração é filosofia. A nós, filósofos, não nos é dado distinguir entre corpo e alma, como faz o povo, e menos ainda diferenciar alma de espírito. Não somos batráquios pensantes, não somos aparelho de objetivar e registrar, de entranhas congeladas – temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino, fatalidade que há em nós, transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos e também tudo o que nos atinge; não podemos agir de outro modo. (NIETZSCHE, 2001, pp. 55-56).

Esse processo de criação transforma o homem em autor e obra de arte da sua própria vida, assemelhando-se, outrossim, ao devir heraclitiano, na medida em que pressupõe a simultaneidade da construção e reconstrução, não de um ser por trás da ação de criar, mas sim de uma metamorfose lenta em direção a si mesmo, figurando como imagem do próprio vir-a-ser. E, nesse sentido, faria as vezes da imagem de que nos fala Zaratustra: “*Mas do tempo e do devir devem falar as melhores imagens: um louvor devem ser, e uma justificação de toda a transitoriedade*”.¹¹

Avaliar é criar: escutai-o, ó criadores! O próprio avaliar constitui o grande valor e a preciosidade das coisas avaliadas. Somente há valor graças à avaliação; e, sem a avaliação, seria vazia a noz da existência. Escutai-o, ó criadores! (NIETZSCHE, 2007, pp. 86-88).

⁹ “Todo povo se encabula quando se lhes aponta uma comunidade filosófica tão maravilhosamente idealizada como a destes mestres gregos da Antiguidades: Tales, Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Anaxágoras, Empédocles, Demócrito e Sócrates. Todos esses homens foram talhados a partir de uma só pedra. Entre seus pensamentos e seu caráter reina uma rígida necessidade. A eles falta toda e qualquer convenção, uma vez que não existia uma classe de filósofos e eruditos naquele tempo.(...) Todos possuem a energia virtuosa dos antigos, graças à qual superam todos os seus sucessores, para encontrar sua própria forma e desenvolvê-la, por metamorfose, até alcançar os estágios mais refinados e grandiosos. (NIETZSCHE, Friedrich. *Filosofia na era trágica dos gregos*. 2011, p. 31).

¹⁰ “A tradição socrático-platônica instaurou uma violenta ruptura com o passado grego, no qual o pensamento tinha a função de afirmar a vida e a vida, de ativar o pensamento, para tornar-se algo que nega a vida e, ao negá-la, a deprecia. Os valores superiores – o Divino, o Verdadeiro, o Belo e o Bem – separados em um sentido idealista e tomados como modelos para a existência, em lugar de dominar e guiar o fazer, voltam-se contra o fazer e o condenam.” (DIAS, Rosa. *Nietzsche, a vida como obra de arte*, 2011, p75)

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*, 2007, pp. 118-122.

Para Nietzsche, nesse processo criador que é a vida, o homem deve tornar-se senhor de si¹² mesmo gradativamente, como participe de um processo lento e paciente para construir a sua própria escultura, desprezando, para tanto, todos os moldes previamente concebidos. Mas, rumo a essa tarefa, cumpre perguntar: como interpretar a vida como obra de arte? Segundo a interpretação nietzschiana, a vida é comparável à arte, pois ela também possui os desgostos da criação de uma obra, bem como os prazeres; na arte, assim como na vida, o processo de construção pode se tornar doloroso, mas o resultado final é compensatório. Assim, o homem convertido, a um só tempo, em criador e em criatura, vê-se obrigado a se comportar como um artista, que se permite passar pelos desgostos e sofrimentos em busca da afirmação da vida, entendendo que ela possui não só graças mais também dissabores.

A inquirição sobre a origem de uma obra concerne aos fisiólogos e vivisseccionistas do espírito: jamais absolutamente aos seres estéticos, aos artistas! O poeta e criador do Parsifal conheceu uma profunda, radical, mesmo terrível identificação e inclinação a conflitos de alma medievais, um hostil afastamento de toda elevação, disciplina e severidade do espírito, uma espécie de perversidade intelectual (se me permitem a palavra), tanto quanto uma mulher grávida conhece os desgostos e caprichos da gravidez: os quais, como disse, devem ser esquecidos, para se desfrutar a criança. (NIETZSCHE, 1998, pp. 90-91).

A partir dessa citação, cumpre importante ressaltar que os desgostos existentes na vida para a construção de valores são necessários, mas também é interessante notar que o filósofo de *Genealogia da Moral* não só prioriza a vivência desses sofrimentos, mas também sugere um certo afastamento da vida “real”, como faz o artista para a criação, sugerindo que o homem se aproprie, nesta vida e a partir dos instintos, de um mundo “irreal”, para o tornar-se a si mesmo. Como ele mesmo diz:

Devemos nos guardar da confusão em que, por *contiguity* [contiguidade] psicológica, para falar como os ingleses, um artista cai facilmente: como se ele mesmo fosse o que é capaz de representar, conceber, exprimir. Na verdade, se ele o fosse, não o poderia representar, conceber, exprimir; um Homero não teria criado um Aquiles, um Goethe não teria criado um Fausto, se Homero tivesse sido um Aquiles, e Goethe um Fausto. (NIETZSCHE, 1998, pp. 90-91).

Afastar-se da realidade dada seria o ideal do artista, que vive a arte em prol da tonificação da vida, e assim deverá ser o “ideal” do homem criador; a ele cabe se distanciar da moralidade que o cerca, do que é o “real” para ele, de sorte a construir a sua própria vida como obra de arte, sendo que, nessa

¹² “A educação moderna não permite a lenta maturação dos jovens. Por isso, o ser humano está longe de ser mestre em sua arte de viver; ele precisaria vencer o grande tédio, precisaria de muito suor, até conseguir “achar suas cores, seu pincel, sua tela”. (DIAS, Rosa. Nietzsche, a vida como obra de arte, 2011 ,p 102).

criação, a primeira virtude que ele deve buscar é ousar ser ele mesmo.

O homem nesse “espetáculo” é singular, único, possuindo a sua individualidade afluída e encorajando-se para uma só lei: afirmar a vida. O homem, nesse papel de criador do seu próprio dever, faz-se presente em todos os atos de sua existência, ou seja, ele é tanto ator como criador de seus valores, responsável pelas suas ações e controlador do movimento de seus impulsos; não busca mais explicações de seus atos metafisicamente, não age mais porque se vê sob um olhar do outro, mas porque regula o seu agir como se tratasse de uma obra de arte em constante criação – e, por esse trilho, em constante afirmação da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce Homo. Como Alguém se Torna o que é*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

_____. *Genealogia da Moral. Uma Polêmica*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

_____. *Assim Falava Zaratrustra. Um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mario Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro, Vozes, 2007.

_____. *O Anticristo: maldição ao cristianismo / Ditirambos de Dionísio*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo, Cia das Letras, 2001.

DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Coleção Contemporânea. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2011.